

Uma viagem ao fundo das cavernas

Plantado no meio da Mata Atlântica, o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, Petar, revela ao turismo a beleza de suas cavernas

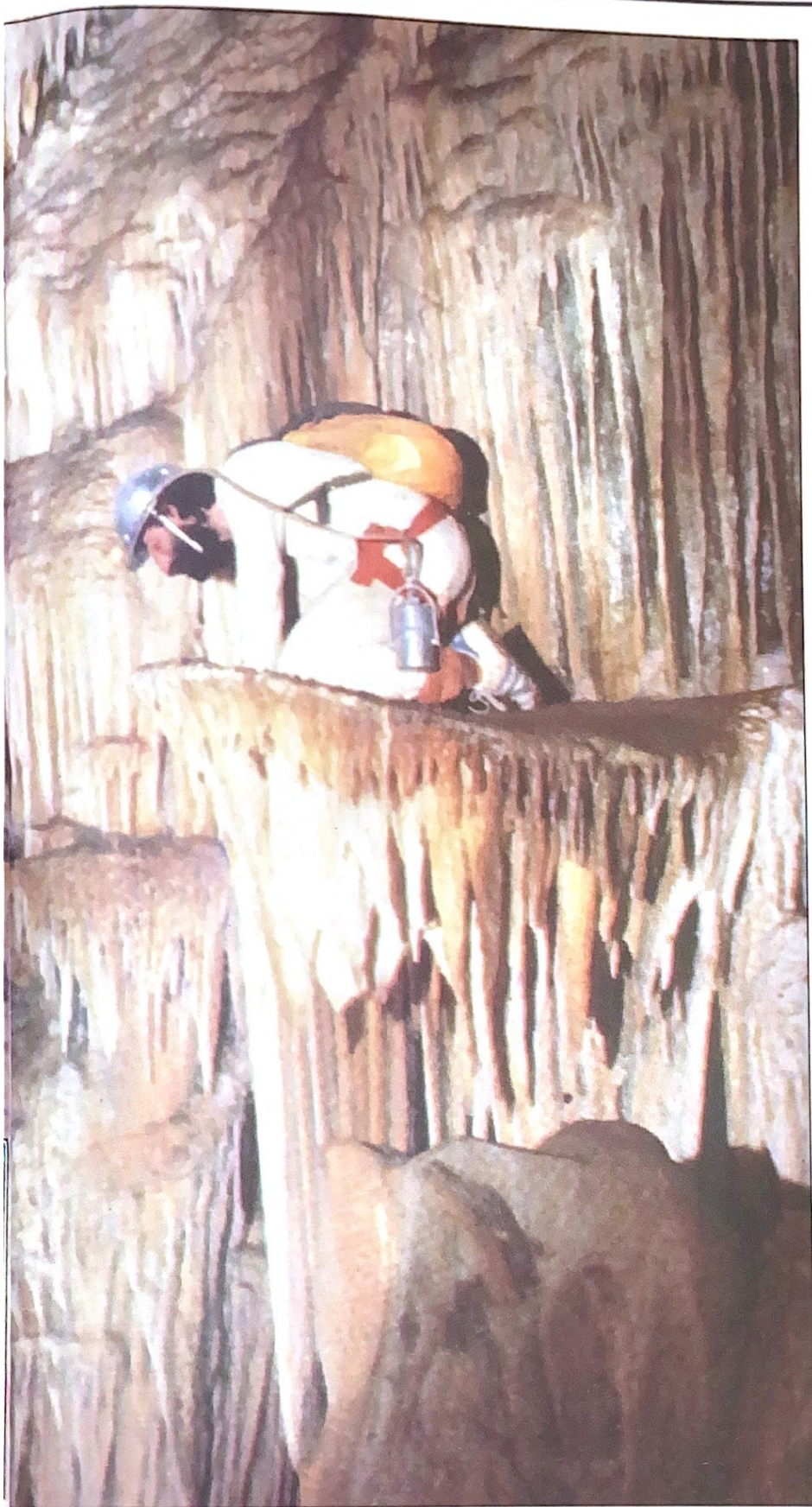
As encostas das montanhas, à beira da estrada, tornam-se repentinamente mais abruptas. As curvas revelam alguns trechos de abismos verdes, em meio à neblina, bastante comum na região. É difícil imaginar que, embaixo de uma paisagem tão majestosa, sob a exuberante Mata Atlântica e atrás das cachoeiras transparentes, possa existir algo mais. E existe. Cerca de 200 cavernas já descobertas e sabe-se lá quantas desconhecidas escondem-se nas encostas do Vale do Bethary, entre os municípios de Iporanga e Apiaí, quase na divisa de São Paulo com o Paraná, no Vale do Ribeira. De origem calcária, com uma grande variedade de labirintos e formações de extraordinária beleza, a maioria dessas cavernas hoje está protegida nos 35 712 hectares do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, o Petar. O parque acaba de ser inserido na área da Reserva de Biosfera do Vale do Ribeira, decretada em março, e, com isso, passa a ganhar ajuda financeira internacional para continuar sua implantação, que desde 1985 vem gradativamente melhorando a infra-estrutura para receber turistas. O Petar foi criado em 1953 e está localizado numa das regiões menos desenvolvidas do Estado. No começo dos anos 80, passou a receber a visita do público e parece que só nos últimos cinco anos as pessoas descobriram o que ele tem a oferecer. O parque faz parte da maior mancha da Mata Atlântica da costa brasileira, num trecho que compreende o sul de São Paulo e parte do Paraná, onde está concentrado nada

menos que 20% de tudo que resta desse tipo de cobertura vegetal no país.

Exceção entre os parques brasileiros — que em sua grande maioria existem apenas no papel —, o Petar está sendo organizado para um turismo de trilhas, aventuras e paisagens naturais. Desde a primeira negociação com posseiros e o primeiro plano de implantação, desenhado em 1976 pelo então presidente da Sociedade Brasileira de Espeleologia, SBE, Clayton Ferreira Lino, muita coisa foi feita. Lino integra o time de espeleólogos — como se denominam os exploradores e estudiosos de cavernas — que fazem expedições constantes ao parque atrás de novas descobertas. “O Petar tem cavernas importantíssimas tanto do ponto de vista da beleza como em relação a seu valor científico”, diz Lino. Ele tem razão. Há ali, de fato, cavernas impressionantes, como a Gruta Casa de Pedra, cuja boca tem 180 metros de altura — o equivalente a um prédio de sessenta andares. O parque já possui uma estrutura bem organizada para receber visitantes. Há controle na entrada, fiscais, duas áreas de camping para setenta barracas, sanitários, lavanderias, ambulatório para primeiros socorros (abastecido com soro antiofídico) e plantão de guias, todos os dias, que ficam das 8 horas da



FOTOS CLAYTON FERREIRA LINO



Interior da Caverna de Santana, no Petar (ao lado), e entrada da Casa de Pedra (detalhe): preciosidades

manhã até 5 horas da tarde para visitas ao interior das cavernas. Ainda este ano, a entrada e o camping passarão a ser cobrados, e a receita será canalizada para a manutenção do parque. O mais interessante é que toda essa infraestrutura não aparece na forma de concreto, luzes artificiais, construções urbanas, que freqüentemente quebram a harmonia visual da mata e das cavernas. Da escolha de materiais ao estilo das construções, o Petar é todo feito de

Formações que demoram séculos

acordo com as melhores regras do turismo ecológico. Ou seja, o visitante sente-se em contato direto com a natureza,

sem o desconforto do improvisado.

Os sanitários e as lavanderias, por exemplo, são dotados de pequenas estações subterrâneas de tratamento de esgoto. A água cristalina, captada diretamente nos rios, é devolvida aos mesmos rios tratada e limpa. “Uma instalação que deu um trabalho enorme, mas valeu a pena”, diz o arquiteto Joaquim de Britto Costa, coordenador da equipe da Secretaria Estadual de Meio Ambiente, SMA, responsável pelo parque. Além da preocupação com a poluição dos rios, é visível o cuidado estético: as construções são rodeadas de plantas, o centro de informações é de sapé, as lixeiras são de madeira e pontes e pinguelas feitas de bambu — discretas, quase disfarçadas. Um tratamento justo para uma área onde as rochas, os rios e a vegetação natural já se encarregaram de esculpir toda a beleza possível e onde a interferência da mão do homem só traria mudanças para pior. Para evitar isso, antes de ingressar em qualquer das cavernas, o público que passa pelo Núcleo Santana recebe um folheto com instruções para aproveitar melhor o passeio e com maior segurança também — sem agredir a natureza, é claro. “Para efeito de segurança, pedimos ainda que o visitante assine um termo de compromisso pelo qual ele concorda em seguir as normas do folheto”, diz Moacir Moraes, encarregado de turismo do parque. Tanto cuidado tem uma razão de ser. Para se formar, as cavernas precisam de muito tempo. Um exemplo: 100 anos

são necessários para que uma estalactite, a formação que cresce do teto em direção ao solo, cresça apenas 10 centímetros. "Se alguém tocas a ponta de uma dessas estalactites com a mão suja, poderá atrasar seu crescimento por até dez anos ou mesmo paralisá-lo", explica Moraes.

Fora das cavernas, o banho de rio é permitido e até obrigatório para quem percorre algumas das trilhas recomendadas, como a do Bethary, com 3,6 quilômetros desde o posto dos guias até as cachoeiras do Betharizinho e das Andorinhas. Neste percurso, o turista passa pela Caverna Água Suja, que, dependendo da época, pode estar inundada por causa das chuvas, pela Torre de Pedra e, ainda, faz três travessias do Rio Bethary a pé, além de passar por diversas piscinas naturais e zonas de

mações e em percursos mais variados. A visita com guia às outras cavernas depende de reserva antecipada ou acompanhamento de agentes de turismo especializados, de preferência em dias úteis ou em fins de semana de pouco movimento. Os fins de semana prolongados têm tido tal afluxo de turistas que os nove guias do parque ficam de plantão permanente só para atender à Santana. Apenas nos quatro dias do último Carnaval, por exemplo, 727 turistas preferiram a escuridão das cavernas ao brilho das passarelas de samba, quase o equivalente à metade da visita registrada em 1990. Esse fluxo exagerado de visitantes de uma só vez não é muito bem visto por aqueles que têm nas cavernas seu objeto de estudo. "A Secretaria do Meio Ambiente deveria cuidar melhor das cavernas", diz

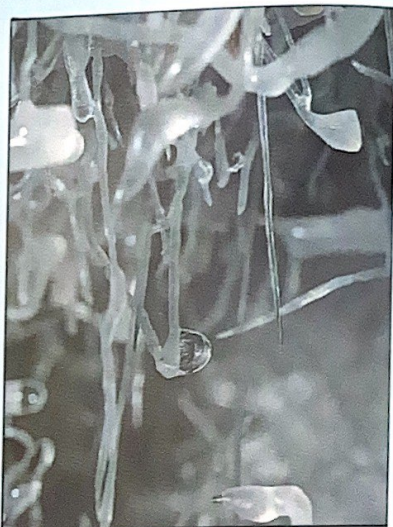
Cleide Aparecida José, atual presidente da Associação Brasileira de Espeleologia. "Principalmente durante os feriados prolongados." Lino sustenta o protesto da colega. "As cavernas são um organismo vivo, muito delicado, por isso não são todas que podem ser abertas a um número grande e frequente de visitantes."

Para entrar numa caverna como a Santana e percorrer em uma hora e meia a trilha mais batida, não é necessário muito treino ou coragem. Basta um

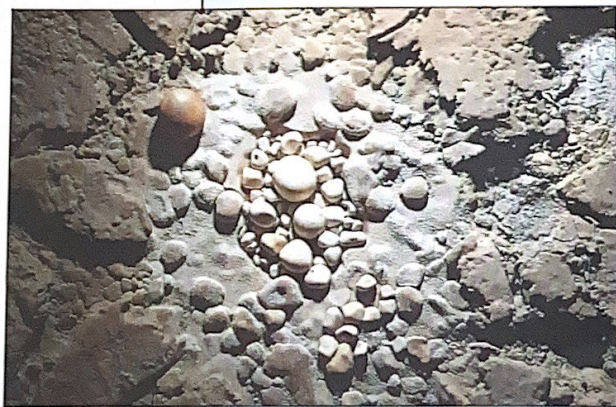
certo fascínio pelo desconhecido, um par de tênis, um capacete e uma lanterna ou iluminação a carbureto, que os guias de plantão podem oferecer. É o suficiente para o primeiro contato com estranhas formas milenares, semelhantes ao que quer que a imaginação desenhe. Na Santana, algumas paredes são de estrelas, constituídas de pequenos cristais de calcita multifacetada em meio à calcita comum. Outras soam como vibrafones (cortinas); Há aquelas que parecem feitas de couve-flor (coralóides). E não faltam as tradicionais estalactites e estalagmites, as colunas e um rio cristalino para servir de orientação nos labirintos, o Córrego Roncador. Duas sensações inusita-

O que há para ver no Petar

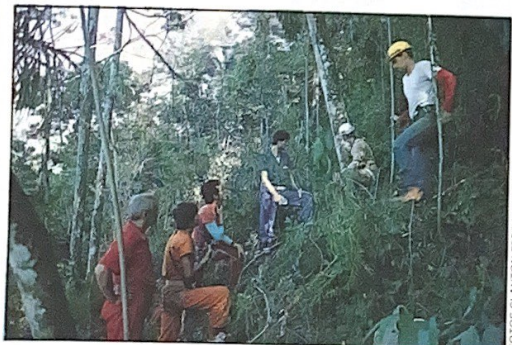
A vegetação abundante e as dezenas de cavernas existentes na região onde fica o Petar abrigam algumas espécies vegetais e animais encontradas em poucos lugares do país. Muitas delas em acelerado processo de extinção, provocado pela sistemática destruição da Mata Atlântica. Conheça o que vale a pena ver nas trilhas do parque:



Estalactites, formações que saem do alto das cavernas em direção ao solo: um simples toque pode estragar o trabalho que a natureza demorou 100 anos para construir

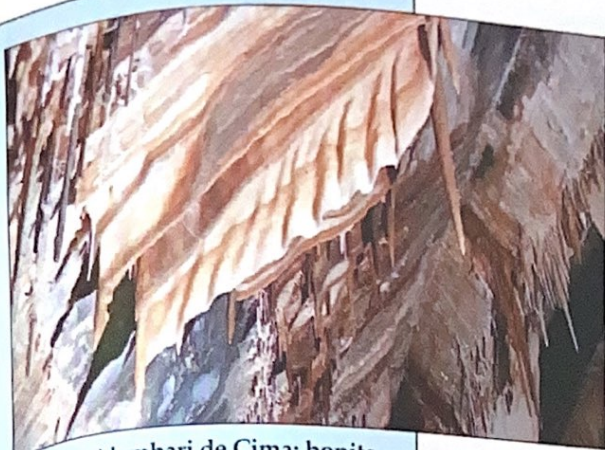


Pérolas da Caverna Alambari de Cima: encontradas em ninhos e soltas, demoram milhares de anos até serem formadas



Visitantes numa trilha do Petar: novidade

corredeiras. Ao longo da trilha, com um pouco de paciência, silêncio e um bom binóculo, o turista tem chances de visualizar algumas das espécies ameaçadas de extinção da Mata Atlântica, como monocarvoeiros, macacos, jacutingas e papagaios. Sem contar inúmeras espécies de orquídeas, borboletas de toda cor e pássaros de muitos cantos. O que tem despertado a atenção e a curiosidade de todos os que procuram as belezas da região, no entanto, são mesmo as cavernas. Atualmente, oito delas estão abertas ao turismo. E as mais visitadas todas as semanas são as encontradas no Núcleo Santana: Santana, Morro Preto, Couto e Água Suja. Mas também há outras, como a Gruta do Chapéu Mirim 1 e 2, a Água Sumida e a das Aranhas, no Núcleo Caboclos. A única entre elas com visita regular, acompanhada de guia em qualquer dia da semana, é a Caverna Santana, a oitava maior caverna carbonática do Brasil e, sem dúvida, a mais rica em for-



Caverna Alambari de Cima: bonita, mas ainda fechada para o turismo. Alambari de Baixo tem acesso fácil, é bem ornamentada e possui várias formações diferentes



Morcegos, animais de hábitos noturnos que habitam as cavernas da região do Petar: os turistas podem vê-los durante o dia somente no interior das grutas



São conhecidas mais de 2 000 espécies de opiliões, aracnídeos que vivem entre pedras e folhagens: há várias delas na região

das valem o breve passeio na caverna: contemplar o escuro e ouvir o silêncio. No ponto mais distante do percurso tradicional da Santana, o guia desliga as lanternas, apaga os capacetes de carbureto, e o visitante imerge em uma escuridão total. Quando cessam os truques da retina para conservar as imagens que ficaram na luz, cresce a capa-

cidade de ouvir a ausência de sons e, no meio do silêncio, sobressai a música das águas: o som delicado das gotas pingando sem parar e, assim, transformando-se em pedra.

Mas a Caverna Santana tem muitos outros percursos, além do tradicional. Percursos que exigem um certo preparo físico, treino especializado e muito respeito às fantásticas formações que a pedra levou milhares de anos para desenhá-las nas entranhas das montanhas. Os percursos especiais podem ser feitos em um ou dois dias, sempre na companhia de guias (do parque ou de agências de turismo), sempre com reserva antecipada, como recomenda o espeleólogo e agente de turismo João Allievi, da Naturismo. Nesses percursos, o visitante vai se colocar à prova, atravessar abismos, água gelada, grandes trechos de escuridão, labirintos estreitos e grandes salões de chão irregular. Em troca do esforço, vai conhecer flores de pedra, que crescem pacientemente sob a pressão da água em fendas da rocha. Vai conhecer fios calcáreos tão finos e frágeis que é até arriscado respirar muito perto. Alguns destes são retos, de 1 milímetro de diâmetro e até 30 centímetros de comprimento: os canudos. Outros são emaranhados: as medusas.

Existem ainda espirais, pérolas, vulcões, chaminés de fada. Dezenas de formas, enfim, que "envenenam" e enfeitiçam o visitante com o fascínio do subterrâneo e o obrigam a voltar a esses cená-

rios de tirar o fôlego, que justificam plenamente as corruptelas com que foram batizados, por exemplo, os salões Taquêopa e Duka. Aqueles que se tornam irremediavelmente "envenenados" acabam engrossando as fileiras da Sociedade Brasileira de Espeleologia, SBE, que tem no Petar um dos seus maiores santuários. Os espeleólogos são especialistas que não se limitam a visitar as cavernas por puro lazer, mas exploram, catalogam e estudam seus labirintos, abismos, salões espeleotemas (formações que enfeitam as paredes e os tetos das cavernas) e a fauna. Estudos de diversos espeleólogos — desde o primeiro cadastro de cavernas da região, em 1898 — mencionam a fauna associada às cavernas do Petar, habitadas por várias espécies de morcegos (a maioria frugívoros), aranhas, opiliões (um aracnídeo inofensivo), centopéias e o famoso bagre-cego (*Pimelodella kronei*). Este, um peixe albino de tal forma adaptado à escuridão das cavernas, que seus olhos se atrofiaram e a espécie evoluiu para a forma atual, desprovida de olhos, mas com antenas sensíveis para orientação no fundo dos rios cavernícolas.

No Petar, segundo João Allievi, ainda é possível encontrar também os estrofoqueilos (*Megalobulimulus*), uma espécie de caramujo que muito provavelmente alimentou os indígenas primitivos que se abrigavam em algumas dessas cavernas. Montes de caramujos vazios dessa espécie foram encontrados na região, junto a sambaquis (sítios arqueológicos caracterizados por montes de conchas, instrumentos de cozinha e, por vezes, urnas funerárias). Mas nem tudo é preservação no Vale do Bethary. Apesar de todo o trabalho de implantação do Petar, o parque ainda é ameaçado pela ação de palmiteiros, que retiram caminhões de palmito nativo das encostas, e por mineradores, que retiram calcário para o fabrico de cimento, desmontando as próprias cavernas e acabando, assim, com formações que levaram séculos para chegar àquele estágio geológico.

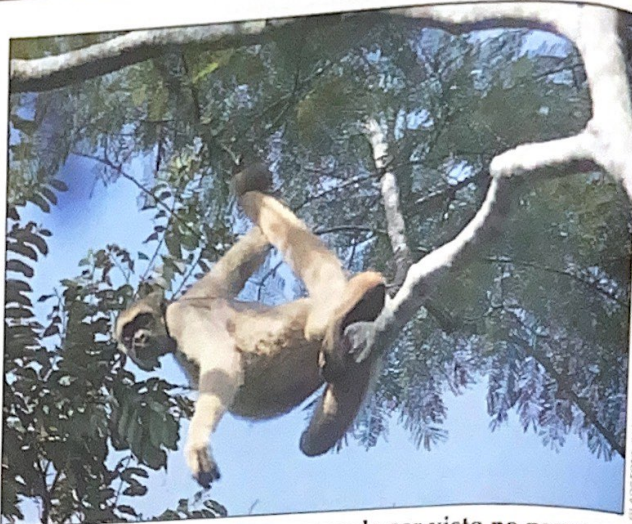
Toda a área do Petar já chegou a ser legalmente concedida para lavra. A in-



Cleide: invasão nos feriados



Orquídea encontrada na região: ornamento natural



Monocarvoeiro: o macaco pode ser visto no parque

sistente luta dos espeleólogos conseguiu a revisão dessas concessões e, atualmente, apenas uma mineradora resiste próxima ao Núcleo Caboclos. "Com a alternativa do turismo e a transformação dos habitantes locais em guias, esperamos tornar a economia local independente da indústria do palmito e da mineração", explica Joaquim Brito. Indubitavelmente, o turismo é a alternativa econômica menos destrutiva para as populações que vivem ao redor do Pe-

tar. "Mas também traz um pouco de destruição", pondera o responsável da SMA. O lixo e os incêndios acidentais são os dois maiores problemas. O excesso de gente e a depredação dos espeleotemas — que é pequena, mas acontece — vêm em segundo lugar. Por isso, os responsáveis pelo parque pretendem investir muito em educação ambiental e já começaram a trabalhar com escolas e grupos de crianças e adolescentes. A partir desse mês de

maio, estão distribuindo, também, um folheto com instruções para um turismo realmente ecológico, sem depredações e com menos riscos para o turista. Um folheto que traz embutido no texto os mandamentos da espeleologia, repetidos incansavelmente por Clayton Lino: "Numa caverna nada se tira a não ser fotografias, nada se deixa a não ser pegadas, nada se mata a não ser o tempo".

LIANA JOHN/AE

Como conhecer as cavernas

Existem várias maneiras de se chegar à Caverna de Santana. A mais barata é, sem dúvida, ir por conta própria, embora não seja muito aconselhável para quem não conhece direito os caminhos lá dentro. Pagar uma agência, com pessoal especializado em cavernas, é a melhor saída para principiantes e turistas sazonais. Entre as agências que conhecem a região como a palma da mão está a ClimB, em São Paulo, que tem uma casa localizada a apenas 5 quilômetros do Petar. Ali as acomodações são simples, os turistas dormem em beliches, mas, em contrapartida, têm transporte, alimentação, guia e seguro viagem, para o caso de algum acidente. O grupo de vinte pessoas paga 780 000 cruzeiros por três dias de visita — 39 000 cruzeiros para cada turista, portanto. Os quatro guias que acompanham os visitantes dão todas as informações necessárias, como usar roupas já gastas, calçar tênis

e nunca esquecer a lanterna e o capacete. As informações podem ser obtidas na própria ClimB, que fica na Avenida Divino Salvador, 412, em São Paulo. O telefone é (011) 542-8166.

Outra agência que todos os finais de semana leva grupos de trinta pessoas para conhecer as cavernas do Petar é a Naturismo,

também de São Paulo. Só que ela oferece uma vantagem adicional para os interessados aqui do interior: as saídas, sempre às sextas-feiras, podem ser feitas a partir da cidade do grupo interessado. É só combinar com antecedência. Cada pessoa paga 30 000 cruzeiros e tem direito a hospedagem, refeições e todos os equipamentos necessários para enfrentar os desafios das grutas: capacete, iluminação, cordas e mosquetões. Cada grupo de dez pessoas conta com a orientação de um guia especializado, em geral com formação em espeleologia. O telefone para maiores informações sobre os passeios da Naturismo, que fica na Avenida Doutor Arnaldo, 2017, em São Paulo, é (011) 872-6155. A agência leva o turista para conhecer as seguintes cavernas: Santana, a maior do Estado, Água Suja, Couto, Laje Branca, Lambari de Baixo e Laboratório, onde há alguns anos foi instalado um laboratório subterrâneo para pesquisas sobre biologia da caverna. Mas não chegou a entrar em funcionamento.

Onde fica

Entre as principais da região, a Caverna de Santana está localizada a 125 quilômetros de Capão Bonito

